



## **COLONIALISMO E IDENTIDADE EM *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ* DE PAULINA CHIZIANE**

Lívia Karina da Silva<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Paulina Chiziane, a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, intitulado *Balada de Amor ao Vento* em 1990, defende a escrita livre, fugindo dos tabus da escrita. Ela traz em *O alegre Canto da Perdiz* (2008) uma obra carregada de singularidades, com belas formas de versificar por meio de narrações vidas difíceis, analogias esplêndidas que levam o leitor do começo ao fim a sensações inenarráveis. O processo teórico-metodológico utilizado baseou-se em análise de trechos da obra *O Alegre Canto da Perdiz* de Paulina Chiziane, enfatizando os traços de perda e busca da identidade dos personagens como colonizados em uma terra modificada em diversos aspectos com a dominação dos brancos. Na obra, as marcas da miscigenação e a busca identitária no período colonial até o pós-colonial por meio das vivências sobretudo femininas são postas à frente. O artigo se objetiva como meio de propagação literária da escrita feminina africana, possibilitando uma reflexão dos efeitos causados no espaço e povo pela opressão do colonialismo e reivindica um espaço e um olhar a história moçambicana.

**Palavras-chave:** Identidade, Colonialismo, Mulheres.

### **INTRODUÇÃO**

Paulina Chiziane busca em suas obras ressaltar o empoderamento feminino moçambicano, em meio às imposições e modificações do espaço durante e após a colonização. Em *O Alegre Canto da Perdiz*, homenageia a misticidade e as lendas com respeito a criação das mulheres que ao serem recontadas estabelecem um elo entre o passado e o presente e a hegemonia feminina. Chiziane criou o seu universo ficcional na Zambézia, província moçambicana que após a invasão portuguesa se viu obrigada a se render a fusão das raças miscigenando negros e brancos. Uma relação que rendeu vantagens aos moradores da província, unicamente através da negação das origens e do assimilamento das tradições brancas. Esta pesquisa se objetiva em analisar trechos da referida obra, identificando a perda identitária provenientes do colonialismo. Nesse processo utilizaremos como referencial teórico Achille Mbembe (2014).

---

<sup>1</sup>Especialista em Língua Portuguesa e Produção Textual pela UNIVISA - Centro Universitário da Vitória de Santo Antão - PE, livia-karina@live.com;



## **METODOLOGIA**

O processo metodológico utilizado a princípio fora o bibliográfico, com o levantamento de autores que abordam temas como o feminismo, negritude e colonialismo. Em seguida, uma pesquisa descritiva/explicativa através de análise de trechos da referida obra proporcionando ao pesquisador o desenvolvimento de conceitos e ideias no âmbito da literatura.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Denúncia as marcas do colonialismo e perda identitária**

O Alegre Canto da Perdiz nos traz quatro gerações de mulheres, transcorrendo desde o período colonial até o pós-colonial. O livro se inicia com Maria das Dores, uma mulher com um nome representativo que expõe as lutas e amarguras da sua vida. Em sua primeira aparição, ela está seminua às margens do rio Licungo a procura dos seus filhos perdidos, Benedito, Fernando e Rosinha, separados desde a infância.

Paralelamente, conhecemos a história de Delfina, a sua mãe, uma mulher que por ordens de sua mãe a Serafina, teve a sua iniciação sexual com um branco. Serafina fora uma mulher que se opôs às modificações do colonialismo e perdeu filhos homens nesse processo, então, desejava que a filha tivesse a ascensão social por meio de um casamento com um branco e por gerar filhos do sexo feminino.

Sonha em ter um filho mulher. Porque as mulheres nascem com uma mina de ouro dentro delas e caçam o sustento no suor dos homens. Não deseja um filho homem, que nasce escravo, que é deportado, que caça o sustento nos perigos das matas, se torna ladrão e engrossa a população das prisões. Homem nasceu para sofrer e morre longe, por isso não o deseja. (CHIZIANE, 2008, p. 63)

A narrativa endeusa as mulheres, ressaltando o poder feminino, o papel que possuem na reprodução, e na formação da humanidade, através de capítulos que paralelamente recontam as lendas do matriarcado, estes se unem em meio a narrativa e agregam-se a obra perfeitamente, mostrando a grande habilidade da Paulina Chiziane como uma contadora de histórias, preservando a tradição oral.



Delfina vive nos portos, cais da cidade encantando e seduzindo os homens que por ali circulam, uma mulher ambiciosa que encontra o amor em José dos Montes, um negro, com quem tem dois filhos Zezinho e Maria das Dores.

José dos Montes por influências de Delfina busca uma vida melhor tornando-se um assimilado, renegando a sua cor, a sua raça, lutando contra o seu próprio povo e os exterminando.

A negação de suas origens é concluída no trecho que assassina o Moyo, um curandeiro, tornando-se perseguido, odiado pela comunidade. “No discurso de vitória, José dos Montes diz que tudo fez pela pátria. Mas a sua consciência diz outra coisa. Eu não matei ninguém, matei-me.” (CHIZIANE, 2008, p. 183). Ao cometer o assassinato, José dos Montes percebe que ao negar as suas origens e seu povo estava negando a si próprio e sua identidade.

Após um tempo, Delfina vê em um branco português, o Soares a tão sonhada oportunidade de melhorar a sua vida, adquirir terras, misturar as raças, ter filhos brancos, mulatos e tornar-se uma precursora em sua comunidade ter a sua sonhada ascensão social e econômica. “-Já sou quase uma branca, com os cremes que uso. Vivo como os brancos, como comida de brancos e já falo bom português.” (CHIZIANE, 2008, p. 232). Ela casa-se com o velho branco, e tem mais dois filhos, Luizinho e Maria Jacinta. A exploração e a dominação do seu corpo pelo branco é o caminho para a “melhoria da raça”, para o futuro da sua família, algo semelhante ao domínio dos brancos a terra moçambicana. Conforme as palavras de Mbembe (2018, p. 32), ““A ocupação colonial” em si era uma questão de apreensão, demarcação e afirmação do controle físico e geográfico - inscrever sobre o terreno um novo conjunto de relações sociais e espaciais.”.

Em sua casa, há a união das raças, filhos do casamento com o negro e branco, conflitos, racismo, ambição, exploração e violência sexual, cada personagem possui uma representação maior acerca de todo o sistema e o espaço-tempo.

Maria das Dores, aos treze anos é entregue pela mãe como meio de pagamento ao feiticeiro Simba, embarcando forçadamente a uma vida em um casamento poligâmico, de violência e exploração sexual.

### **Zambézia, o ventre**



Na Zambézia, Moçambique, durante o período colonial as vidas dos nativos têm o seu fluxo alterado devido a dominação dos brancos, os homens são retirados de sua casa, escravizados, vendidos, outros se aliam aos brancos, os quais são chamados de “assimilados”.

Conforme Tocqueville *apud* Mbembe (2014, p. 198), “Havia dois meios para domesticar: cooperando com as suas ambições, pela instrumentalização das suas paixões, opondo-os uns aos outros, para os manter dependentes do poder colonial, oferecendo-lhes dinheiro e favores, ou atiçando os ódios, desgastando-os através da guerra.”

Então, por meio dessa redenção e prestação serviço militar, abandonaram as suas tradições e as substituíram por uma vida cristã em troca de alguns privilégios como direito de matricular os filhos na escola e civis.

Todos sofriam, alguns pelos efeitos da aceitação da cultura colonizadora culminando progressivamente na perda identitária, outros por se oporem a essas mudanças, vivendo miseravelmente em um espaço amplamente modificado.

Assim como a Zambézia, as mulheres eram exploradas como objeto de desejo do dominador, sendo seduzidas pelos brancos e se rendiam sexualmente. Essa dominação dos colonizadores sobre as mulheres funcionava como uma forma de confirmação aos homens negros a respeito do poder de dominação que detinham, além de tomarem e explorarem a terra, tomaram e exploraram as suas mulheres.

### **A busca identitária**

A perda identitária é percebida através de praticamente todos os personagens da narrativa. Por exemplo, o Lavaroupa da Silveira:

Nome ganho no interrogatório policial depois de um tumulto no cais. Julgado insurreto, ao ser inquirido afirmou que na rotina diária lavava roupa do Senhor Francisco da Silveira, seu dono, seu branco. Foi em condições semelhante que nasceram os nomes de muitos zambezianos. Nomes de desencanto e de tudo o que humilha, como as roupas da intimidade e de outras banalidades. (CHIZIANE, 2008. p. 201)

Um homem sem nome, que fora nomeado desta forma apenas para associá-lo ao seu dono, evoca intertextualmente a família de Ponciá Vicêncio, personagem da Conceição Evaristo. Em sua obra homônima, ela e a sua família viviam no povoado Vicêncio, o sobrenome



que carrega fora herdado pelos donos das terras, como forma de se apoderar dos negros mesmo após a libertação, e "não se acostumava ao próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante [...] sabia que o sobrenome dela não tinha vindo desde antes do avô de seu avô." (EVARISTO, 2017. p. 29).

Além deste, a questão identitária é vista principalmente através das personagens femininas Maria das Dores, Delfina, Serafina e Maria Jacinta, por diferentes aspectos, não reconhecimento no espaço modificado em que vivem, se opor às mudanças, renegar as suas origens, sofrem as consequências da busca da miscigenação e ascensão social por meio da exploração sexual do corpo das filhas, o tratamento não igualitário dentro do próprio lar por motivos raciais, fazendo-as se sentirem intrusas e não pertencerem a seu próprio país, comunidade, casa.

### **A busca identitária em Serafina**

Serafina, uma mulher que teve uma vida de resistências às modificações impostas pelo colonizador, por seu marido se recusar a ser um assimilado. Perdeu os seus filhos homens e viu muitos homens negros serem deportados, presos e viverem uma vida de lamúrias, por esta razão mantém um forte desejo que Delfina a sua única filha case-se com um homem branco, construa uma vida melhor para a sua linhagem por meio da mistura das raças, e não perca os filhos da mesma forma.

Vamos, arranja um branco e faz filhos mestiços. Eles nunca são presos nem maltratados, são livres, andam à solta. Um dia também serão patrões e irão ocupar o lugar dos pais e a tua vida será salva, Delfina. Felizes as mulheres que geram filhos de peles claras porque jamais serão deportados. (CHIZIANE, 2008, p. 98)

Serafina viu através da assimilação e da negação de sua cultura e povo o único meio de seguir em frente, "caminhar sem medo, livre de chicote e do trabalho forçado, que pisasse o solo com orgulho, mesmo que olhasse para trás com vergonha das suas origens, desprezando o ventre que gerou e o peito negro que o aleitou. *ibidem*, p.98. Esmagando a sua identidade, em prol de evitar a dor de ter as suas mãos vazias através da perda dos seus entes queridos.



## **A busca identitária em Delfina**

Delfina persuade o seu primeiro marido, o negro José dos Montes a tornar-se um assimilado, o seu lar se volta contra as suas crenças e ela se desfaz das suas raízes, “Renunciei a todas essas práticas primitivas e vivo a vida dos brancos.” (CHIZIANE, 2008, p. 154) e abraça a cultura do dominador.

Ela enxerga nas dominações do sistema colonial o único meio relevante para o reconhecimento social, cresceu sem ter frequentado a escola, pois, o seu pai nunca aceitou ser um assimilado, então, ela abraça a ideia da miscigenação, em busca de uma nova raça, de ser mãe de um novo povo.

Renega e trai mais uma vez as suas origens negras, deixando o marido negro, e unindo-se ao velho branco Soares. Conforme as palavras de Mbembe (2014, pág.203-204) ) “A relação com os bens de consumo e com os bens de prestígio (mulheres, crianças e aliados) ia cedendo ao modelo da penetração da mercadoria na alma dos indivíduos.”, Sacrifícios são feitos em prol de uma vida de branco, e como fruto dessa união, ela ganha os benefícios a admiração da região.

Foi a primeira negra com casa eletrificada. A primeira com uma casa de cimento coberta de zinco no bairro dos negros. Foi dela o primeiro homem branco a residir no bairro dos negros. Foi ela a primeira negra a residir nos bairros brancos. Os mais velhos suspiram por ela: Delfina, como era bela! Delfina, a rainha. (CHIZIANE, 2008, p. 278)

O tratamento diferenciado entre a filha negra e a mulata acentuam o desprezo a sua raça, e a perda da sua identidade. Delfina é uma das personagens mais representativas da obra acerca da transição das mudanças provocadas pelo branco na Zambézia.

## **A busca identitária em Maria das Dores**

Maria das Dores, em sua primeira aparição é descrita apenas como “Maria”, uma mulher sem nome, “Toda a Maria tem outro nome, porque Maria não é nome, é sinónimo de mulher.” (CHIZIANE, 2008, p. 16). Com o casamento branco da mãe perde a aproximação com o pai,



casa, e se torna a responsável pelas atividades domésticas, não estudava e lidava com a discriminação racial dentro do próprio lar. “Jacinta, lavaste as tuas mãos? Não podes vir para a mesa com as mãos sujas de poeira da terra, senão ficam pretas como as da Maria das Dores.” (CHIZIANE, 2008, p. 238).

Tratada como escrava e mercadoria de troca, aos treze anos é dada ao curandeiro Simba, tornando-se uma mulher sem vida, que resiste às violências domésticas e sexuais por meio do uso de entorpecentes. Quando ela foge do lar e perde os seus três filhos pequenos, vagueia sem rumo, nas margens do rio Licungo causando alvoroço nas mulheres da região, a busca identitária está atrelada ao reencontro a sua família, a sua ancestralidade, ao aconchego dos braços dos pais.

### **A busca identitária em Jacinta**

Jacinta, a filha mulata de Delfina, não compreendia perfeitamente o mundo em que estava inserida, a sua vida era distinta das pessoas ao redor. “A princípio, Jacinta não sabia que tinha raça. Depois aprendeu que os negros eram servos. Começou a pensar que Maria das Dores era escrava e Delfina serva do seu pai.” (CHIZIANE, 2008, p. 254).

Ao observar, passou a questionar a sua existência, não podia ter uma vida completamente como uma branca, e nem negra.

Ela não se encaixa no mundo dos brancos, nem no mundo dos negros. Diante dos pretos chamava-lhe branca. E não queriam brincar com ela. Afastavam-na, falavam mal da mãe e diziam nomes feios. Diante dos brancos chamavam-lhe preta. Também corriam com ela, falavam mal da mãe e chamavam-lhe nomes feios.” (CHIZIANE, 2008, p.255)

Ela presencia a discriminação da parte dos amigos do pai, por ter uma filha mulata, e o estereótipo negro ao ver o avô pai de Delfina sofrer acusações e ser espancado nas ruas, por caminhar ao lado de uma criança mulata.

O avô foi chicoteado, quebrado, e ficou muitos meses deitado, com lesões que o levaram à morte. Quebrado ficou também o seu coração de criança. O avô era a pessoa mais maravilhosa deste mundo. E morreu açoitado por ter uma neta de outra raça. (CHIZIANE, 2008, p. 254)

O seu espaço, a sua identidade é uma incógnita, Jacinta não sabe de fato ao que pertence.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro finaliza com o reencontro entre as gerações, Delfina, Maria das Dores e os seus três filhos perdidos Rosinha, Benedito e Fernando.

A identidade do indivíduo está entrelaçada às identidades coletivas e pode ser estabilizada apenas em uma rede cultural que, tal como a língua materna, não pode ser apropriada como propriedade privada. Consequentemente, o indivíduo permanece na qualidade de portador de “direitos à participação cultural. (HABERMAS, 1994 *apud* HALL, 2003, p.91)

As gerações e a terra, como ponto de conexão com a vida, e reconstrução identitária, vozes que juntas, simbolizam as diversas perspectivas de um momento histórico.

Na obra as marcas da miscigenação e a identidade moçambicana no período colonial até o pós-colonial por meio das vivências sobretudo femininas são postas à frente. O Alegre Canto da Perdiz nos possibilita uma reflexão dos efeitos causados no espaço e povo pela opressão do colonialismo e reivindica um espaço e um olhar a história moçambicana.

## REFERÊNCIAS

CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Lisboa: Caminho, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014.